

# TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS: DESLOCAMENTOS NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL<sup>1</sup>

Silvana Aguiar dos Santos  
Universidade Federal de Santa Catarina  
aguiar.sil@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho é um recorte da pesquisa de Doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo deste estudo é problematizar depoimentos de alunos, intérpretes de língua de sinais (ILS) do curso de Letras-LIBRAS (Bacharelado) a respeito da constituição de identidades profissionais e a aproximação com os Estudos da Tradução. Este curso de graduação é uma ação que atende ao decreto 5626/05, a qual prevê a formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais, pois até então a formação destes profissionais acontecia de formas diversas, como: cursos de extensão, especialização em tradução/interpretação em algumas universidades com enfoque na área educacional. Santos (2006), Martins (2007), Hall (1997), Vasconcellos (2003, 2009) e Bhabha (2005) são alguns dos autores que embasam esta discussão a respeito do processo de formação destes profissionais e das implicações que perpassam esse processo. A abertura do campo dos Estudos da Tradução para pesquisas acadêmicas (e formação propriamente dita) dos ILS demarca um rompimento na prática desses profissionais. Por meio dos depoimentos, busca-se pôr em circulação esses discursos e problematizá-los no contexto dos Estudos da Tradução. A hipótese deste artigo é que a formação e articulação aos Estudos da Tradução estão possibilitando aos intérpretes uma mudança teórica e prática com vários efeitos de revitalização profissional. Estes sujeitos passam a problematizar teoricamente sobre sua prática de tradução/interpretação, perguntando-se a respeito da sua própria constituição enquanto profissionais da tradução, sua relação com as línguas envolvidas no ato tradutório e as implicações oriundas deste processo.

**Palavras-chave:** intérpretes de língua de sinais, formação profissional, estudos da tradução.

**Abstract:** This paper represents part of a doctoral research project carried out on the Graduate Program in Translation Studies at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), in Florianópolis, Brazil. The aim of this study is to discuss statements made by sign language interpreters (SLI) attending the undergraduate course in LIBRAS (Brazilian Sign Language) at the aforementioned university, regarding the construction of their professional identity and their approach to Translation Studies. This undergraduate course is in accordance with decree no. 5626/05, which provides for sign language translator/interpreter education, whereas previously their training was undertaken through differing independent means, such as extension and further education courses at a handful of universities, often with a focus on teaching. Santos (2006), Martins (2007), Hall (1997), Vasconcellos (2003, 2009) and Bhabha (2005) are some of the authors who have laid the groundwork for the discussion on these professionals' educational process and of the implications. The expansion of the field of Translation Studies to include SLI research and training represents a breakthrough in their professional practice. Using their statements, this study seeks to promote such discourse and to analyze it in the context of the field. The hypothesis is that the creation and articulation of the Translation Studies course has enabled a theoretical and practical change for interpreters with positive professional consequences. These then start to analyse their translation/interpreting practice, questioning their own place as translation professionals, their relationship with the languages involved in the translation process and the implications arising from such process.

**Keywords:** sign language interpreters, professional education, translation studies.

No Brasil, há poucas décadas, se nós perguntássemos qual seria um “lugar” interessante para a formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais, a maioria das respostas apontava a área de educação como um dos “espaços” mais adequados. Pouquíssimas eram as respostas que se afiliavam com o campo disciplinar dos Estudos da Tradução, e, mais raramente, aquelas que descreviam com precisão as competências e habilidades de um tradutor/intérprete de língua de sinais e/ou perspectivas teóricas que embasassem a prática desses profissionais.

A área de Estudos da Tradução enquanto campo disciplinar é bastante recente no Brasil, tendo sido mapeada no ano de 2003 pelas professoras Dra. Maria Lucia Vasconcellos (UFSC) e Dra.

Adriana Pagano (UFMG). O objetivo deste trabalho foi examinar a produção acadêmica brasileira, no que se refere a dissertações e teses compreendendo os anos de 1980 a 1990. No mapa proposto pelas pesquisadoras<sup>2</sup>, a tradução/interpretação de língua de sinais ainda não é mencionada. Duas possíveis justificativas poderiam ser atribuídas a esta ausência.

A primeira justificativa aborda a formação “empírica” de intérpretes de língua de sinais (ILS) por meio de cursos livres e de extensão, focando a prática deste profissional a partir das suas experiências de trabalho. Estes cursos localizavam-se na área da educação, por ser este o campo que discutia mais diretamente as questões que se relacionavam com a surdez, o bilinguismo, a inclusão, os movimentos sociais surdos, a acessibilidade, entre outros fatores típicos deste espaço.

À medida que os surdos passam a atuar com maior intensidade neste campo - o da educação - a presença de ILS torna-se mais visível e as políticas linguísticas em torno da língua de sinais passam a constituir-se como uma condição necessária de inclusão de pessoas surdas, especialmente no ensino superior, foco deste trabalho. Com a presença efetiva do ILS nesses espaços educacionais decorrem vários aspectos a serem refletidos nos processos de formação dos ILS, entre eles: a proficiência linguística, a inserção cultural, habilidades, competências, técnicas e estratégias de trabalho, qualidade de interpretação e comportamento ético perante as situações apresentadas. Estes são alguns dos assuntos que ocuparam grande parte dos cursos livres e de extensão a partir da década de 90, configurando-se como uma das primeiras formações existentes para ILS.

Segundo Martins (2007), os primeiros registros de cursos de formação para tradutores/intérpretes de línguas orais no Brasil datam no final da década de 60. A autora agrupa estes diferentes tipos de cursos de formação na seguinte categoria: “*bacharelados, extensão universitária e cursos livres*”. Martins (2007, p. 173) afirma que:

Cursos livres são assim denominados por não estarem vinculados ao sistema regular de ensino. Promovidos por cursos de idiomas, centros binacionais, escritórios ou agências de tradução, associações e órgãos da classe, ou mesmo por iniciativa de tradutores e professores, podem ser de curta duração (até 200 horas) e geralmente têm objetivos análogos aos dos cursos de extensão universitária.

O processo de formação de ILS nos parece que faz o caminho inverso daquele proposto pela autora para tradutores em geral. Os primeiros processos de formação para ILS iniciam-se pelos cursos livres, geralmente organizados por associações de surdos e/ou Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Ainda que os cursos fossem destinados à formação de intérpretes, pessoas com diferentes motivações os frequentavam para aprofundar seus conhecimentos na língua de sinais, conhecer mais a comunidade surda, ter mais fluência e proficiência, tornar-se bilíngue, e assim por diante (SANTOS, 2006). Pessoas com essas motivações não necessariamente atuavam como ILS posteriormente, demonstrando que a constituição da identidade deste grupo ainda estava em processo.

Outra possibilidade de formação para ILS foi por meio da extensão universitária, que desempenhou um papel significativo registrando cursos de curta duração com o objetivo de familiarizar o intérprete com determinado tipo de modalidade de interpretação. Na maioria das vezes este aprimoramento focava a interpretação simultânea, mais frequentemente usada na rotina de um ILS. Em 2006, houve a criação do curso de Letras-LIBRAS – bacharelado que atende o decreto 5626/05. No capítulo V deste decreto é designada a formação do tradutor e intérprete de LIBRAS/Língua Portuguesa.

A segunda justificativa nos faz concluir que a ausência da tradução/interpretação de língua de sinais no mapeamento dos Estudos da Tradução no Brasil está relacionada ao fato das pesquisas em nível de pós-graduação *scrito sensu* terem iniciado a partir do ano de 2005. Especialmente depois da oficialização<sup>3</sup> da LIBRAS e de sua regulamentação recente em dezembro de 2005, as pesquisas e

os processos de formação/profissionalização para ILS começam a despontar com maior visibilidade em termos acadêmicos.

Algumas das primeiras pesquisas em tradução/interpretação de língua de sinais (LEITE, 2004; ROSA, 2005; SANTOS, 2006) respaldavam-se em aportes teóricos da área da Linguística Aplicada e/ou da Educação, iniciando uma tímida relação com aspectos e/ou teorias da área dos Estudos da Tradução.

Leite (2004) foi uma das pesquisadoras que fez aproximações com teóricos da interpretação, a saber, a partir de um arcabouço teórico da sociolinguística interacional. Com base em Cokely (1992), a autora apresenta a distinção entre tradutores/ intérpretes e são problematizados conceitos como neutralidade e os conflitos enfrentados na prática de interpretação, assim como os papéis dos intérpretes que emergem de acordo com a forma com que estes se posicionam frente às questões de “neutralidade”. Em seu trabalho são tratadas as principais diferenças entre interpretação consecutiva e simultânea, além das especificidades que compõem a interpretação das línguas orais e das línguas de sinais. Leite (2004) faz uma extensa discussão com as proposições trazidas por Metzger (1999) e Roy (2000) a partir de pesquisas no contexto da interpretação da língua de sinais americana.

Rosa (2005) realizou em sua pesquisa a interface tradução/interpretação de língua de sinais e Estudos da Tradução, focando na abordagem da *Desconstrução* proposta por Derrida, entendendo a tradução como sobrevida do original. Suas contribuições continuaram quando ela nos remete a Erwin Theodor e Paulo Ronai no que se refere às questões de “Versão e Recriação” e de “fidelidade” respectivamente. Em meados do ano de 2005, tais temas constituíam-se como reflexões inéditas para refletir e pensar a tradução/interpretação de língua de sinais, pois, nesta época, as pesquisas estavam mais direcionadas a aspectos educacionais e sua relação com a língua de sinais.

A pesquisadora aborda o conceito de “invisibilidade” do tradutor/intérprete e discute o lugar de formação deste profissional,

salientando as implicações advindas da falta de profissionalização, certificação para este grupo (intérpretes) e para as comunidades que usufruem dos serviços de interpretação. O trabalho realizado por Rosa (2005) suscitou outras investigações, algumas apresentando a interface Estudos Culturais e Interpretação, com foco nas identidades dos ILS, como o de Santos (2006); outros, embasados na interface da Análise do Discurso Crítica e Interpretação de língua de sinais, como o de Lima (2006); outros ainda, entre a Linguística Aplicada e a interpretação, como o de Pereira (2008).

Todos estes trabalhos realizaram o movimento de aproximar as discussões teóricas da área de interpretação de línguas orais e da tradução com a interpretação das línguas de sinais, mostrando que apesar das singularidades envolvidas em cada uma das modalidades (visual/gestual, oral/auditiva) existem similaridades a serem refletidas de forma coletiva num campo chamado “*Estudos da Interpretação*”. No I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira<sup>4</sup>, a palestra proferida pela professora Dra. Maria Lúcia Vasconcellos foi justamente sobre a necessidade de realizarmos uma distinção entre tradução e interpretação de língua de sinais e Estudos da tradução e interpretação da língua de sinais.

Outra consequência desta aproximação teórica se tornou evidente à medida que movimentou as formas como intérpretes/tradutores de língua de sinais eram nomeados e representados em um contexto social e acadêmico. Santos (2006) descreve alguns comportamentos e práticas que depreciam a atuação de ILS no ensino superior, a saber, enunciados como: “lindo teu trabalho”; “vocês não precisavam traduzir isso para eles”; “vocês são pagos”. Tais representações insistiam em colocar o ILS em uma posição não profissional e, por decorrência deste comportamento, afastá-lo cada vez mais dos espaços em que se discutiam as questões de tradução.

No caso de algumas das pessoas que realizaram tais comentários talvez não houvesse uma intencionalidade pejorativa, mas queremos problematizar o funcionamento da representação em nossa so-

cidade. Todas as coisas, os objetos, os comentários, enfim, todas essas questões são construídas e passam a ter um valor à medida que a comunidade de determinado espaço atribui maior ou menos valoração para estas coisas. É por meio da linguagem<sup>5</sup> que as pessoas representam a realidade nas quais elas estão inseridas a partir das suas experiências. Não existe como representar um espaço, as escolhas realizadas, os enunciados produzidos, se não estivermos inseridos em um contexto mais amplo que nos possibilite “modelar” estas realidades. Quando representamos qualquer enunciado, desde o mais simplório, devemos nos indagar sobre em qual contexto ele está inserido, para quem ele está endereçado e a partir de qual espaço/lugar, e quem o produziu. Neste sentido, Hall (1997, p. 5) afirma que “a representação é a produção de significados através da linguagem. O significado é produzido pela prática, pelo ‘trabalho’ da representação. É construído através das práticas de significação que são produtoras de significados”.

Estas constatações acerca das representações atribuídas aos ILS colocam em jogo, também, o *status* da língua de sinais enquanto língua e a forma como a sociedade concebe a comunidade surda, isto é, a partir de um olhar clínico sobre surdez. Considerando o pressuposto de que a tradução representa outro texto, é interessante analisarmos, também, de que forma as pessoas representam o profissional tradutor que está no “entre-lugar” das línguas envolvidas no processo tradutório.

Por outro lado, se considerarmos os aspectos históricos em relação à interpretação de forma geral, é possível visualizar a discrepância com que a mesma foi tratada quando comparada com a tradução, com o texto escrito. Delisle e Woodsworth (2003, p. 258) afirmam que a “palavra oral é evanescente”. Portanto, se ela (palavra) é efêmera, fugaz, desaparece rapidamente sem deixar registros, teríamos um dos primeiros complicadores, a raridade de encontrar materiais que tratassem da interpretação. Outro complicador se refere à posição social que os intérpretes ocupavam ao longo da história, não é de estranhar que a tarefa de interpretação

tenha apresentado dificuldades de se estabelecer enquanto um campo pertencente, também, aos Estudos da Tradução.

No tocante à língua brasileira de sinais (LIBRAS), o salto qualitativo de mostrar o processo de interpretação e os obstáculos enfrentados, as tensões culturais e linguísticas que permeiam o ato tradutório com base em um viés teórico próximo aos Estudos da Tradução<sup>6</sup> deslocaram e/ou movimentaram a visão assistencialista com que se nomeavam os ILS.

Um dos fatores que contribuiu para o desenvolvimento e a busca da profissionalização deste grupo foi o início de um processo de politização para o grupo de ILS, isto é, estes começaram a se organizar e a criar associações em diferentes espaços nacionais. Uma conquista importante para a área, ainda que lentamente, tem sido a atenção que os pesquisadores, de forma geral, envolvidos com as investigações sobre língua de sinais, têm tratado do tema da interpretação/tradução. Por exemplo, concursos públicos para provimento de vagas de tradutores/intérpretes em universidades federais brasileiras têm sido uma constante, face, também, às exigências do decreto 5626/05.

A maioria desses concursos têm sido realizados para o cargo técnico - nível médio - em conformidade com o Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos nº 7596 de 1987, regulamentado pelo decreto 94664/87, que confere, no anexo I, subgrupo NM - 01, cargo de nº 58: tradutor e intérprete de linguagem de sinais. No entanto, neste mesmo documento, referente ao cargo de técnico de nível superior (NS), encontrou-se o cargo Tradutor/Intérprete. Partimos da premissa de que a língua de sinais é oficial e regulamentada enquanto língua deste país. Com base neste pressuposto, alguns pesquisadores que estão à frente destas discussões nas universidades brasileiras têm argumentado com sucesso junto ao órgão representativo no setor jurídico dessas instituições.

Tais questões apresentadas até o momento demonstram alguns dos deslocamentos, no sentido de mudanças, que os processos de formação de ILS sofreram nos últimos anos no Brasil. O fato de

pesquisadores intérpretes e tradutores de língua de sinais produzirem trabalhos sistematizando suas práticas experimentadas no cotidiano, com base em um referencial teórico dos Estudos da Tradução, traz contribuições significativas para outra posicionalidade cultural, linguística e política de sujeitos e espaços, como diria Bhabha.

Não estamos mais falando apenas da prática de tradução/interpretação de língua de sinais, estamos realizando uma metalinguagem sobre questões e conceitos que enfoquem os estudos referentes a esta área, por exemplo: competência tradutória, competência do tradutor, competências linguísticas, função do texto a ser traduzido, tradução como recriação, e assim sucessivamente. Deslocamo-nos de (a) pensar somente como são operacionalizados esses conceitos na interpretação propriamente dita, que técnicas devemos usar, para (b) buscarmos referenciais teóricos que justifiquem nossas escolhas e nos respaldem enquanto campo de saber.

Queremos dizer com isso que não é o enunciado propriamente dito pelos pesquisadores intérpretes e tradutores que irá alterar a situação existente, mas sim a posição que eles passam a ocupar em um determinado tempo e um determinado espaço. Bhabha (2005, p. 66) afirma que:

A diferença linguística que embasa qualquer performance cultural é dramatizada no relato semiótico comum da disjunção entre o sujeito de uma proposição (enónce) e o sujeito da enunciação, que não é representado no enunciado, mas que é o reconhecimento de sua inscrustração e interpelação discursiva, sua posicionalidade cultural, sua referência a um tempo presente e a um espaço específico.

É por meio destes tempos e espaços determinados por meio de políticas linguísticas em torno da língua de sinais - e de projetos tradutórios que considerem de forma efetiva o trabalho (ofício/tarefa) de tradutores/intérpretes de língua de sinais -, bem como as pesquisas desenvolvidas na área, que se projetam novos caminhos

e interfaces das mais diversas ordens com os Estudos da Tradução. Desta forma, novos contornos passam a configurar os processos de formação destes profissionais.

Neste sentido, na próxima seção discutiremos alguns depoimentos de alunos do curso de graduação em Letras-LIBRAS (Bacharelado) da UFSC que retratam algumas idéias debatidas sobre a realidade que contextualizamos em um primeiro momento neste trabalho. Os depoimentos têm um caráter ilustrativo e nos permitem realizar algumas reflexões iniciais sobre os elementos que constituem pontos significativos de mudança no discurso de ILS.

### **Contextualizando o corpus deste trabalho: alunos do curso de Letras-LIBRAS na modalidade a distância**

O curso de Letras-LIBRAS na modalidade a distância<sup>7</sup> (Licenciatura) iniciou no ano de 2006, promovido pela UFSC em parceria com outras oito instituições de ensino superior públicas do país. Neste primeiro momento, a prioridade do curso foi a formação de futuros professores de língua brasileira de sinais, necessidade esta emergente no país, dado que o ensino de LIBRAS é disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura das universidades brasileiras. Este curso causou um impacto pedagógico<sup>8</sup> e social de tal ordem que as reivindicações começaram a surgir cada vez com mais intensidade para que novas vagas fossem oferecidas, uma vez que o projeto considerava turma única e especial aquela apresentada no ano de 2006.

No ano de 2008, devido a este contexto de intensas reivindicações na busca de formação (em Licenciatura ou Bacharelado) foram abertas novas turmas, oferecendo 900 vagas, sendo 450 para Licenciatura, e 450 para Bacharelado, e em parceria com novas instituições. No mapa a seguir apresentamos os pólos que compõem a rede Letras-LIBRAS atualmente.

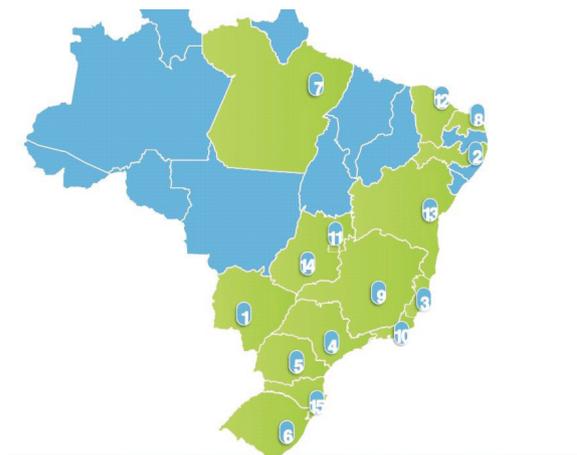


Figura 1. Pólos do curso de Letras-LIBRAS da turma de Bacharelado/2008. Fonte: Guia do Tutor, 2008.

O curso de Letras-LIBRAS (Bacharelado) tem duração mínima de 4 anos e 3 eixos principais que o sustentam: Um eixo de formação básica (envolvendo principalmente conhecimentos básicos de linguística e tradução-interpretação); um eixo de formação específica (envolvendo conhecimentos de aspectos educacionais da surdez e aspectos linguísticos de LIBRAS); e um eixo de formação profissional (envolvendo conhecimentos técnicos e práticos de tradução e interpretação de línguas).

Estamos diante de um curso que demarca uma das formas de institucionalização efetiva no sentido político e acadêmico, com respeito à formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais no Brasil. Estas marcas são elementos que constituem mudanças, a partir do ponto de vista dos alunos, futuros tradutores/intérpretes de LIBRAS sobre a área que é o alvo deste trabalho.

Para este trabalho foram coletados três depoimentos oriundos de um fórum de interação no ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) utilizado nos cursos de Bacharelado e Licenciatura. Este fórum é uma ferramenta bastante usada pelos alunos e

desempenha um papel fundamental de discussão em cada unidade de uma disciplina ofertada. A disciplina de Estudos da Tradução foi escolhida por ter sido oferecida no primeiro semestre do curso, associada ao fato de que ela apresentou um mapeamento da área, rastreando e localizando a tradução e interpretação de línguas de sinais no campo disciplinar dos Estudos da Tradução.

De todos os pólos apresentados anteriormente, os dois depoimentos escolhidos e apresentados a seguir pertencem ao mesmo pólo, e nossa intenção neste artigo não é a de generalizar as interpretações/reflexões como válidas para todos os alunos, mas problematizá-las a partir de todo o contexto explicitado anteriormente. Que problematizações emergem a partir destes depoimentos? É o que veremos na próxima seção.

### **A análise do corpus: reflexões a partir de dados preliminares**

Os dados apresentados para análise neste trabalho não possuem a intenção de criar modelos únicos, como se fossem compartilhados por todos os alunos do curso de Letras-LIBRAS (Bacharelado), mas demonstrar como eles – os discursos - nos permitem colocar em circulação outras argumentações possíveis à formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais. A seguir apresentamos o primeiro depoimento<sup>9</sup> a ser analisado:

Essas disciplinas de estudos da tradução (e interpretação...) servem, como falou a [...] para nos dar a base teórica para a construção da identidade do intérprete quanto ao seu papel e suas funções nos momentos de interpretação. Assim, vamos pensando e formando todos juntos o nosso lugar/postura/função, seja em sala-de-aula, seja em palestras etc.

Um dos elementos significativos a ser destacado neste depoimento é o de construção da identidade profissional do ILS. Sem dúvida

esta construção está associada aos papéis que ele desempenha, sendo necessário, também, construí-los ou desconstruí-los, pois frequentemente esse papel está associado a outras profissões, especialmente a de professor. Inúmeras vezes, por exemplo, em editais de concursos públicos ou em processos seletivos, as chamadas para vagas de ILS são realizadas pela nomenclatura de “professor-intérprete”. Esta situação é complexa, à medida que o edital<sup>10</sup> desconsidera os alunos do curso de Letras-LIBRAS (Bacharelado), pois coloca como exigência para concorrer à vaga a condição de professor formado em Pedagogia ou de aluno do curso de Pedagogia.

Em outro edital<sup>11</sup>, a situação é drástica quando este menciona o cargo de “intérprete alfabetizador em Libras” e coloca como requisito à vaga qualquer curso na área de licenciatura com formação em intérprete de LIBRAS. Que cursos seriam estes? Estes dois exemplos de editais demonstram a veracidade do depoimento relatado pela aluna quanto à necessidade de uma construção desses papéis.

Uma das distinções que distinguem a atuação de ILS em relação aos intérpretes de línguas orais está fortemente associada ao contexto de atuação. Enquanto intérpretes de línguas orais atuam, especialmente, em palestras e conferências definindo claramente seu papel, os ILS atuam frequentemente em sala de aula, contribuindo para que as confusões dos papéis entre docente e intérprete se instalem com maior velocidade.

A identidade do profissional tradutor ou intérprete, também, é um assunto pouco investigado no campo dos Estudos da Tradução, conforme assinala Sette (2002, p. 27): “apesar de existirem trabalhos, no campo dos estudos da tradução, que tratam da imagem do tradutor, [...] nenhum deles fala de identidade profissional”. A afirmação da autora está embasada em um estudo relacionado na década de 90, quando ela observou, a partir do relato de tradutores e intérpretes, que estes não apontavam relação com o campo dos Estudos da Tradução, recém surgidos nessa época.

Por outro lado, fatores históricos evidenciaram a marginalização da interpretação dentro dos Estudos da Tradução devido à posição social que os intérpretes ocupavam, conforme explicitado na primeira

parte deste trabalho ao tratarmos de Delisle e Woodsworth (2003). O passado da interpretação, pautado em situações frágeis que perpassam desde a atuação em espaços conflitantes como guerras até espaços caritativos e assistencialistas colocam esta área – e, por consequência, o intérprete – em uma situação desconfortável nos anais da história.

Não é de estranhar que ILS tenham de trabalhar, também, com esses resquícios históricos, uma vez que a atuação deste profissional tem marcas diretamente envolvidas em questões empíricas e não profissionais. Apesar das mudanças que o papel dos ILS tem ganhado nos últimos anos, ainda não está suficientemente consolidada no Brasil estas atribuições em relação ao papel dos ILS. No entanto, ao menos tais discussões têm sido melhor explicitadas em contextos teóricos e/ou espaços em que há um interesse institucional na promoção de políticas linguísticas que levem em conta a tradução/interpretação de língua de sinais.

Roy (2008) propõe uma breve descrição do papel do ILS, e nele a autora destaca algumas mudanças importantes na profissão no contexto estadunidense, quais sejam, da concepção do intérprete como uma ajuda, perpassando para a emergência profissional de conceber o ILS como um facilitador da comunicação até aquela (abordagem/concepção) que intitula o intérprete como um especialista bilíngue e bi-cultural.

A formação profissional é um fato que sem dúvida fornece subsídios para a atuação do tradutor/intérprete, e que legitima a sua prática, assim como qualquer profissão. Esta afirmação é contemplada no segundo depoimento<sup>12</sup> apresentado a seguir:

Acredito que a maior contribuição que os ‘‘Estudos da Tradução’’ podem dar à nossa formação é o empoderamento. Podemos agora nos posicionar com mais segurança, pois nossa atuação está deixando de ser empírica.

Neste sentido, ainda que a autora trabalhe sobre o papel específico do tradutor, encontramos possibilidades de alguns destes

papéis serem aplicadas ao contexto dos ILS, quando observamos Bordenave (1998, p. 430) afirmar que

a valorização da imagem da profissão do tradutor passa inevitavelmente pela sua formação profissional e pela necessária especialização que, como em qualquer profissão, exige o estudo da teoria e das técnicas de tradução, assim como das ferramentas que facilitam a prática tradutória, estas entendidas em seu sentido amplo e incluindo “acima de tudo”, o hábito de busca e reflexão acerca do ato tradutório.

Estamos problematizando outro lugar para a formação de ILS, construindo identidades para este grupo com referenciais teóricos embasados nos Estudos da Tradução, não somente em contextos empíricos de formação. Tal atitude desloca estereótipos e representações que punham o ILS em uma situação subalterna enquanto profissional, desperta sua conscientização acerca de seu papel, demarca mudanças argumentativas, práticas e de produção de saberes para o grupo.

São evidentes os efeitos, por exemplo, quando intérpretes passam a se perguntar a respeito da sua própria constituição enquanto profissional da tradução, sua relação com as línguas e comunidades implicadas no ato de interpretação, a partir de um panorama teórico. Há uma mudança de enfoque no *locus* de enunciação desse tradutor/intérprete, na forma de conceber os papéis de acordo com os contextos em que ele atua, da sua relação com as línguas envolvidas e todos os demais elementos que compõem o ato tradutório. Como diria Bhabha, há um deslocamento na posicionalidade que este sujeito busca assumir.

Neste sentido de buscar apresentar os efeitos que vem sendo desencadeados na formação de ILS é que concordamos com o que Hall (1997, p. 5) afirma sobre as abordagens discursivas:

A abordagem discursiva está mais preocupada com os efeitos e as consequências da representação – sua política.

Ela examina não apenas a forma como a linguagem e a representação produzem significados, mas como o conhecimento produzido por determinado discurso liga-se ao poder, regula as condutas, forma ou constrói identidades e subjetividades, e define a forma como são representadas, refletidas, praticadas e estudadas certas coisas.

A partir dos efeitos neste trabalho apresentado a respeito da formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais é possível afirmar que os deslocamentos são evidentes no curso desta profissão, e que as identidades estão em processo de construção. Recentemente o X Encontro Nacional de Tradutores contou com a presença ativa<sup>13</sup> de ILS, apresentando suas pesquisas num esforço cada vez maior de aproximação aos Estudos da Tradução.

Portanto, ao concluir este trabalho, retomamos as palavras da professora Dra. Maria Lúcia Vasconcellos<sup>14</sup>, quando produz seu texto indagando-se: o que éramos ontem, o que somos hoje, e o que queremos ser amanhã? No que se refere à tradução/interpretação de língua de sinais, a resposta está sendo construída sobre o que queremos ser hoje e amanhã, uma vez que a produção acadêmica está em constante ebulição e buscando espaços de consolidação na medida em que articula-se ao campo dos Estudos da Tradução. Estas discussões políticas, implantações de cursos de graduação e pós-graduação na área, formação profissional de ILS e a consolidação no meio acadêmico contribuem significativamente para afirmar o espaço da tradução/interpretação de língua de sinais no ensino superior, e a partir desta medida, desdobramentos para outros contextos. Por fim, fazemos nossas as palavras de Vasconcellos (2009), que menciona o bônus e o ônus de manter a unidade em uma disciplina [Estudos da Tradução] caracterizada pela sua interdisciplinaridade: “Manter a unidade permite ‘falar a mesma língua’, sobretudo no que concerne a conceitualizações e terminologias da área, e por consequência permite a comunicação interna. O ‘ônus’, a meu ver, está no perigo de se desmanchar as diferenças em nome da unidade e no perigo de sacrificar a periferia em nome das forças centrípetas”.

## Notas

1. Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado intitulada “Os efeitos dos Estudos da Tradução na formação de intérpretes de língua de sinais”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
2. Pagano .A & Vasconcellos M.L. Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. Revista Delta (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada). Vol,19, n° spe. São Paulo, 2003.
3. A língua brasileira de sinais (LIBRAS) foi oficializada no Brasil por meio da Lei nº 10.436/02 e regulamentada pelo decreto nº 5626/05.
4. Realizado nos dias 9 e 10 de outubro de 2008 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
5. Neste momento as reflexões a respeito da representação foram inspiradas pelas discussões realizadas na disciplina Tópicos especiais – abordagens textuais de tradução, oferecida em 2009/2 no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução sob responsabilidade da professora Dra. Maria Lúcia Vasconcellos.
6. Estamos nos referindo neste momento às pesquisas realizadas em nível de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado).
7. Ver mais informações em: <[http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital\\_ufsc.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital_ufsc.pdf)>. Acesso em: set. 2009.
8. Os impactos a que nos referimos nesse contexto focam várias políticas linguísticas adotadas pelas equipes que conceberam tal projeto, a saber: língua de sinais como a língua de instrução, materiais didáticos que atendessem às necessidades surdas de formação (DVDs, ambiente virtual de ensino, hipertextos e hiperlivros diretamente em língua de sinais), entre outros.

9. Depoimento devidamente autorizado e pertencente à aluna Fabíola Sell, do curso de Letras-LIBRAS (Bacharelado) oriundo de um fórum de interação no ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) utilizado nos cursos de Bacharelado e Licenciatura.

10. Ver exemplo disponível em: <[https://www.acafe.org.br/new/concursos/sed\\_2009/download/edital.pdf](https://www.acafe.org.br/new/concursos/sed_2009/download/edital.pdf)>. Acesso em: out. 2009.

11. Disponível em: <[http://www.itanhaem.sp.gov.br/noticias/materia\\_concurso.html](http://www.itanhaem.sp.gov.br/noticias/materia_concurso.html)>. Acesso em: set. 2009.

12. Depoimento devidamente autorizado e pertencente à aluna Liana, do curso de Letras-LIBRAS (Bacharelado) oriundo de um fórum de interação no ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) utilizado nos cursos de Bacharelado e Licenciatura.

13. Ver mais informações em: <<http://ilsemouropreto.blogspot.com/>>. Acesso em: set. 2009.

14. VASCONCELLOS, 2009. Disponível em: <<http://gttrad.wordpress.com/2009/08/22/comunidade-na-diversidade-dos-estudos-da-traducao/>>. Acesso em: ago. 2009.

## Bibliografia

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2005.

BORDENAVE, M. C. Entrevista: Maria Cândida Bordenave. *Cadernos de Tradução III*, p. 429-435, 1998.

COKELY, D. *Interpretation: A Sociolinguistic model*. Burtonsville: Linstok Press, 1992. (*Sign Language Dissertation Series*).

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. 1. ed. São Paulo: Ática, 2003.

EDITAL. Concurso público Prefeitura de Itanhaém (São Paulo). [2009]. Disponível em: <[http://www.itanhaem.sp.gov.br/noticias/materia\\_concurso.html](http://www.itanhaem.sp.gov.br/noticias/materia_concurso.html)>. Acesso em: set. 2009.

EDITAL. Processo Seletivo para ingresso no programa especial de Licenciatura em Letras – LIBRAS... Florianópolis: COPERVE/UFSC, 06 jul. 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital\\_ufsc.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital_ufsc.pdf)>. Acesso em: set. 2009.

FCEE (Santa Catarina). Fundação Catarinense de Educação Especial. Edital n° 001/ 2009/ SED/FCEE. Florianópolis: SED/FCEE, 14 out. 2009. Disponível em: <[https://www.acafe.org.br/new/concursos/sed\\_2009/download/edital.pdf](https://www.acafe.org.br/new/concursos/sed_2009/download/edital.pdf)>. Acesso em: out. 2009.

HALL, S. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications, 1997.

INTERPRETES. *Intérpretes em Ouro Preto*. Disponível em: <<http://ilsemouro-preto.blogspot.com/>>. Acesso em: set. 2009.

LEITE, E. M. C. *Os papéis do intérprete de LIBRAS na sala de aula inclusiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2004.

LIMA, E. S. *Discurso e identidade: um olhar crítico sobre a atuação do(a) intérprete de LIBRAS na educação superior*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília (UnB), 2006.

Pagano .A & Vasconcellos M.L. *Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990*. Revista Delta (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada). Vol,19, n° spe. São Paulo, 2003.

PEREIRA, M. C. P. *Testes de proficiência linguística em língua de sinais: as possibilidades para os intérpretes de libras*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2008.

MARTINS, M. P. A institucionalização da tradução no Brasil: o caso da PUC-Rio. *Cadernos de Tradução XIX*, p. 171-192, 2007.

METZGER, M. *Sign Language Interpreting: deconstructing the myth of neutrality*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press., 1999.

ROSA, A. S. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005.

ROY, C. B. *The problem with definitions, descriptions, and the role metaphors of interpreters*. In: *The interpreting studies reader*. London: Pöchhacker and Shlesinger; Routledge, 2008

\_\_\_\_\_. *Interpreting as a Discourse Process*. New York: Oxford University Press, 2000.

SANTOS, S. A. *Intérpretes de língua de sinais: Um estudo sobre as identidades*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2006.

SETTE, M. L. D. *A identidade (ainda melancólica?) do tradutor - uma análise desses profissionais no Brasil dos anos 90*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica (PUC), 2002.

VASCONCELLOS, M. L. *ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução?* Disponível em: <<http://gttrad.wordpress.com/2009/08/22/comunidade-na-diversidade-dos-estudos-da-traducao/>>. Acesso em: ago. 2009.